

FANDOM IS BEAUTIFUL? TOXICIDADES E DISPUTAS ENTRE MULHERES SÁFICAS EM COMUNIDADES DE SHIPPERS

**FANDOM IS BEAUTIFUL? TOXICITIES AND DISPUTES AMONG SAPPHIC
WOMEN IN SHIPPER COMMUNITIES**

**FANDOM IS BEAUTIFUL? TOXICIDADES Y DISPUTAS ENTRE MUJERES
SÁFICAS EN COMUNIDADES DE LAS SHIPPERS**

Enoe Lopes Pontes

Universidade Federal da Bahia
ORCID: 0000-0002-9501-3474
Salvador, Bahia, Brasil

Edson D'Almonte

Universidade Federal da Bahia
ORCID: 0000-0002-0895-2132
Salvador, Bahia, Brasil

Recebido: 20/10/2023 / Aprovado: 20/03/2024

Como citar: D'ALMONTE, E. F.; PONTES, E. L. Fandom is Beautiful? toxicidades e disputas entre mulheres sáficas em comunidades de shippers. Revista GEMInIS, v. 15, n. 2, p. 4–29, 2024.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.

RESUMO

Embebidas pelo desejo de aceitação em relação às suas sexualidades, mulheres sáficas, fãs de produtos midiáticos, adentram comunidades de fãs por torcidas de casais de mulheres. Todavia, algumas dessas comunidades apresentam indivíduos com ações que se opõem às expectativas de acolhimento. Com comportamentos negativos, hierarquizantes e exclusivistas, algumas fãs geram tensões e/ou são vítimas delas. A partir da compreensão do uso da palavra toxicidade na contemporaneidade, analisaremos, nestas comunidades, traços tóxicos e atitudes contraditórias, afinando a própria compreensão da terminologia “tóxico”, banalizada e hiperbolizada no ambiente digital. Como método, faremos pesquisa qualitativa, com formulários, seguidos de grupos focais.

Palavras-chave: Fãs; Toxicidade; Representação.

ABSTRACT

Imbued by the desire for acceptance in relation to their sexualities, sapphic women, fans of media products, enter fan communities supported by female couples. However, some of these communities present individuals with actions that oppose welcoming expectations. With negative, hierarchical and exclusivist behaviors, some fans generate tension and/or become victims of it. From an understanding of the use of the word toxicity in contemporary times, we will analyze, in these communities, toxic traits and contradictory attitudes, refining our own understanding of the terminology “toxic”, trivialized and hyperbolized in the digital environment. As a method, we will carry out qualitative research, using forms, followed by focus groups.

Keywords: Fans; Toxicity; Representation.

RESUMEN

Imbuidas por el deseo de aceptación en relación con su sexualidad, mujeres sáficas, fans de productos mediáticos, entran en comunidades de fans apoyadas por parejas femeninas. Sin embargo, algunas de estas comunidades presentan a los individuos acciones que se oponen a las expectativas de acogida. Con comportamientos negativos, jerárquicos y exclusivistas, algunos fans generan tensión y/o se convierten en víctimas de ella. A partir de una comprensión del uso de la palabra toxicidad en la época contemporánea, analizaremos, en estas comunidades, rasgos tóxicos y actitudes contradictorias, afinando nuestra propia comprensión de la terminología “tóxica”, trivializada e hiperbolizada en el entorno digital. Como método, realizaremos una investigación cualitativa, mediante formularios, seguida de grupos focales.

Palabras Clave: Aficionados; Toxicidad; Representación.

1) INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, principalmente no ambiente digital, as palavras “tóxico” e “toxicidade” se popularizaram e passaram a ser usadas intensamente, chegando ao nível de um uso banalizado do conceito (Arouh, 2020), para denominar supostos comportamentos sociais considerados excessivos ou, até mesmo, abusivos. Ainda assim, os termos são pensados por alguns teóricos dos estudos de fãs, com o objetivo de compreender os limites entre o exagero na utilização da terminologia e as ações realmente nocivas dentro e fora do espaço on-line, quando o assunto são fandoms e suas interações (Walton, 2018; Proctor; Kies, 2018; Arouh, 2020). Tensionar este conceito torna-se, assim, um dos nossos objetivos com o presente artigo, na medida em que esta ação tem a tendência a contribuir para a compreensão sobre quais são estas rupturas entre fãs, dentro de suas relações.

No entanto, antes de adentrarmos na investigação e discussão sobre o que é realmente a terminologia toxicidade pode significar no contexto dos fandoms em si, salientaremos algumas particularidades do grupo que analisaremos neste estudo, pois selecionamos aqui uma parcela específica dentro da comunidade fãs em geral. Assim, no universo da cultura participativa de fãs, voltamos nosso olhar para mulheres sáficas¹, que torcem por casais homoafetivos em séries de TV. No linguajar de fandoms, o equivalente a esta descrição é *shipper*² de *femslash*³. A razão inicial para a escolha deste subgrupo, acontece pelo fato deste ser um grupo minoritário, que carece de representatividade e que sofre com discriminação dentro de fandoms (Estables et al, 2018; AALTO, 2016;2020; Arouh, 2020). Estas características – lacuna de se ver na ficção e discursos de ódio devido às suas sexualidades – foram o que chamaram a atenção para observarmos como são operadas as dinâmicas destas mulheres com outros integrantes dos fandoms que elas fazem parte.

¹ Mulheres sáficas são todas as mulheres não heterossexuais. O termo vem para homenagear a poetisa Safo e surge como uma forma de cunhar um termo único e inclusivo para lésbicas, bissexuais, pansexuais etc.

² Ship vem da palavra relationship, em inglês, e quer dizer relacionamento. Estes podem ser ficcionais ou não, românticos ou não (Busse; Hellekson, 2006; Strauch, 2017; Pontes, 2018; Walton, 2018).

³ Sendo shipper uma palavra vinda do termo ship, que se refere à relacionamentos, românticos ou não, ficcionais ou não, que envolvem, em grande maioria, produtos midiáticos e artistas que realizam estas obras. Sendo assim, shipper poderia ser traduzindo em português para torcedores destas relações (Pontes e Santos, 2016; Walton, 2018). Já femslash vem de uma trajetória dentro das comunidades de fãs, que vem lá dos Trekkers, fãs da série Star Trek. Uma parte deste grupo desejava que as personagens Kirk e Spock ficassem juntos romanticamente, enquanto a outra parcela shippava a dupla como uma amizade. Para diferenciar estas shippagens, existiam os “Kirk e Spock”, que os viam como amigos, e os Kirk/Spock, que os viam como um futuro casal. Barra em inglês se chama “slash”. Assim, surgiu o termo slash pairing. Já nos anos 1990, com as shippers de Xena e Gabrielle, do seriado Xena, a princesa guerreira, foi criado um nome específico para falar de casais sáficos, os femslash pairings (Jenkins, 1992; Zhao, 2017; Aalto, 2020).

Desta maneira, o nosso ponto de partida foi entender como funcionam os relacionamentos destas fãs. Por considerarmos importante enxergarmos as operações dentro das interações destas mulheres, optamos pela seleção do método de grupos focais. A metodologia consiste em fazer entrevistas coletivas, utilizando de seis a oito participantes, conduzindo a conversa através de perguntas, deixando espaços que todos os integrantes possam sempre responder o que desejam, bem como estabelecer um diálogo entre si (Fontana; Frey, 2000; Flick, 2010). No total, realizamos três entrevistas **entre agosto e dezembro de 2022**, com um total de 18 participantes, sendo elas mulheres sáficas, brasileiras, entre 19 e 29 anos, que são fãs de seriados de TV.

Para podermos utilizar as informações concedidas pelas participantes, foram enviados formulários com perguntas básicas, a fim de investigar possíveis categorias, que ajudariam a criar as próprias perguntas para os grupos focais. Além disso, as mesmas assinaram um documento de autorização de informações e também comunicaram como gostariam de ser chamadas, para assegurar o anonimato das entrevistadas. O ponto de partida para encontrá-las foi um grupo de Whatsapp, chamado *Once Upon a Time Repórter*, analisado previamente, em pesquisas anteriores (Pontes; Santos, 2016; Pontes, 2018; Pontes; D'Almonte, 2023). Como já existia a entrada e o contato com estas fãs, colocamos uma chamada nesta comunidade. A partir desta convocação, seis integrantes do *Once Upon a Time Repórter* solicitaram participação e foram as primeiras entrevistadas. A partir da feitura da primeira rodada, utilizamos princípios do método Bola de Neve para reunir as próximas integrantes dos grupos focais.

De modo amplo, a prática consiste em criar uma rede de pessoas interessadas em colaborar com a pesquisa, a partir de referências e indicações de outros indivíduos (Albuquerque, 2009; Biernacki e Waldorf, 1981). Da mesma forma, ao final da segunda entrevista, solicitamos que cada participante trouxesse uma sugestão de nome. Dentro deste processo, o único pedido específico que fizemos foi que as integrantes da pesquisa pensassem em pessoas mais diversas possíveis, para que o estudo fosse mais plural. Em nosso ponto de vista, quando os assuntos tratados são gênero e sexualidade, é preciso compreender tanto as suas particularidades quanto as suas similitudes. A luta e o debate acerca das opressões advindas do patriarcado, do colonialismo e imperialismo, clamam pela união das causas, que estão, na verdade, imbricadas, assim como as questões raciais e de classe

(Haraway, 1985, 2004; Lorde, 2009; Butler, 2003; Lauretis, 2019).

Ao mesmo tempo, como é pontuado por Audre Lorde (2019), há multiplicidade de vozes ao se pensar nas interseccionalidades diversas. O que a autora propõe em seu pensamento é o entendimento de que as lutas não podem estar segregadas, ainda que as suas distinções e necessidades precisem ser apontadas, o cerne da questão seria entender a força da união de causas, sem realizar o não apagamento das particularidades inseridas no contexto de gênero. Assim, ainda que o foco do presente artigo sejam mulheres sáficas que, dentro do seu contexto interno, vivenciam tensões semelhantes, ao torcer pelos mesmos casais e estarem em espectros semelhantes em termos de sexualidade, jamais poderíamos considerar que estas mesmas mulheres são idênticas, sendo elas de etnias, sexualidades (homo, bi, pansexuais etc) e localidades distintas.

Por isso que, brevemente, trazemos nesta introdução, alguns dados sobre as entrevistadas, que acreditamos ser relevantes para o entendimento de quem elas são no mundo, ainda que as suas opiniões durante os grupos focais possam divergir ou convergir a partir ou independentemente destes fatores. Assim, o primeiro elemento que destacamos são os seus nomes (ou como escolheram serem chamadas): Primeiro grupo: Beatriz Martins dos Santos (24 anos); Júlia S. (20 anos); Letícia Moreira de Oliveira (27 anos); Luana F. (28 anos); Diana Werneck Elias (28 anos); Eva Verena Souza Assunção (25 anos).

Segundo grupo: Isadora Vargas (22 anos); Déborah dos Santos (29 anos); Maria Eduarda Martins (19 anos); Sarah Amorim (28 anos); Thaynara Marques (23 anos); Giovanna G. (22 anos). Terceiro grupo: Alicia S. (19 anos); MCB (20 anos); Carolina S.; Nicoli G (19 anos).; L. L. (32 anos); Andressa Nascimento (idade não declarada). Dentro desta lista de integrantes, alguns estados brasileiros apareceram mais do que outros, porém, ainda assim, alguma diversidade foi observada. É importante ressaltar, no entanto, que nem todas as localidades foram inseridas, porque algumas delas não se sentiam confortáveis em responder a questão. Portanto, deixamos aqui registrado que não colocamos nenhuma pergunta como obrigatória. Mas, dentro desta lista, os Estados encontrados foram: Bahia – 2, Santa Catarina – 2, São Paulo – 6, Rio de Janeiro – 2, Minas Gerais – 1, Tocantins – 1, N/A – 4. Já em termos de sexualidade e etnia/raça, a maioria era de mulheres lésbicas e brancas, havendo presença de bi e pansexuais, de negras e de pardas. Não houveram entrevistadas indígenas;

em termos de gênero, 100% das participantes eram cis, o que pode gerar certas conclusões, como a falta de inserção de mulheres trans nestas comunidades de fãs sáficas, por exemplo.

Todavia, por ser um assunto complexo e profundo, que não pode ser afirmado de maneira categórica, sem maiores investigações, deixamos apenas o dado estatístico por hora. Na Figura 1, ilustramos as porcentagens dentro da categoria Sexualidade. Podemos observar que a maioria das integrantes são formadas por mulheres lésbicas, seguidas de bissexuais. A opção marcada em verde estava no formulário como Outros, sendo que a participante poderia escrever o que quisesse. Apenas uma resposta foi assinalada, no qual a jovem diz não ter certeza se seria lésbica ou bi. Já na Figura 02, temos o quadro referente à Raça/Etnia. Mais da metade das respostas vieram de mulheres brancas, seguidas de jovens negras e pardas. Não possuímos outras etnias dentro da nossa amostragem. Além disso, todas as integrantes do grupo focal são cisgênero. Por este motivo, compreendemos que existe na presente pesquisa um limite de vozes que foram escutadas, apesar dos esforços para a multiplicidades de interseccionalidades. Vale ressaltar que os espaços de comunidades de fãs ainda é formado, majoritariamente, por personas privilegiadas, pessoas brancas, heterossexuais e cisgênero, por exemplo (Stanfill, 2018). Assim, os dados numéricos foram:

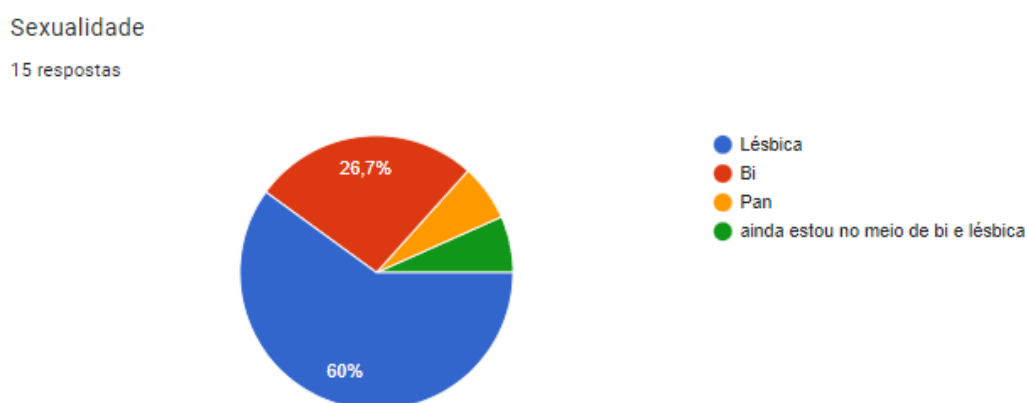


Figura 1: Dados sobre a sexualidade das participantes. **Fonte:** Elaborada pelos autores.

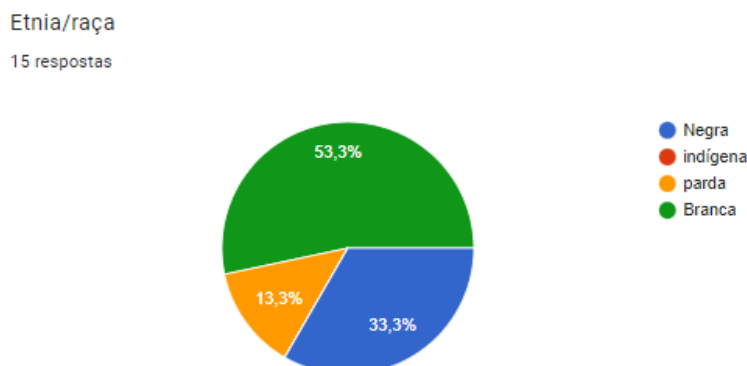


Figura 2: Dados sobre etnia e raça das participantes. **Fonte:** Elaborada pelos autores.

A nossa intenção era que, através dos grupos focais, nesta busca pela pluralidade de vozes, dentro do possível (tempo de pesquisa, agenda das entrevistadas, contatos que as mesmas possuíam etc), fosse criado um ambiente que olhasse para as relações destas mulheres sáficas, fãs de narrativas seriadas, que torcem por casais homoafetivos, sendo eles *canon*⁴ ou fanon. No entanto, nosso intento era jamais perder de vista que o feminino não é uníssono, não existe “a mulher”, única, como uma figura amorfa, que representa todas em uma só (Akotirene, 2018; Lorde, 2019). Desta forma, sabemos e reconhecemos as singularidades destas participantes, e que as suas interseccionalidades poderiam convocar discursos distintos, revelando de suas vivências e existências.

Tomando por base esses pressupostos, realizamos o processo das entrevistas e, após esta fase, passamos a notar que havia uma repetição de depoimentos sobre um aspecto específico de dois fandoms de ships *femslash*: Emma e Regina, da série *Once Upon a Time* (ABC, 2011-2018), chamado de *Swan Queen*, e Kara e Lena, de *Supergirl* (The CW), intitulado *Supercorp*. De acordo com relatos das integrantes dos grupos focais, estas duas comunidades sofriam com disputas internas e comportamentos que elas consideravam tóxicos. Desta maneira, para além das disputas nos fandoms,

⁴ Canon e fanon são expressões utilizadas para falar o que aconteceu ou não em uma determinada obra ou situação. Assim, canon é tudo aquilo que ocorreu, por exemplo, Lena e Steff, da série *The Fosters*, elas formam um par canon. Já Emma e Regina, de *Once Upon a Time* não ficaram de fato juntas, eram só um desejo dos fãs, por isso são fanon.

de uma forma geral, as torcedoras dos mesmos casais enfrentavam tensões entre elas mesmas, deixando-as surpresas e frustradas, pois não esperavam se sentirem excluídas em uma mesma *fanbase*.

A partir das anotações feitas durante as três entrevistas, com as 18 participantes das mesmas, surgiu o seguinte problema de pesquisa: **há toxicidade entre shippers do mesmo casal?** A partir destes questionamentos, elaboramos algumas hipóteses, sendo elas: 1) Ainda que busquem pela aceitação de suas sexualidades neste tipo de comunidade, a disputa de sentido se sobressai aos seus objetivos primevos e 2) O fato destes ships serem fanon e sofrerem com o fenômeno do *Queerbaiting*, provoca conflitos internos, sendo este termo uma palavra para cunhar uma estratégia de marketing que tem as pessoas não heterossexuais como foco. Brevemente, é possível dizer que o *Queerbaiting* é um fenômeno que acontece dentro da instância dos produtos midiáticos, como forma de chamar a atenção do consumidor Queer, colocando um subtexto homoerótico ou homorromântico dentro de uma narrativa, mas nunca trazendo um casal homoafetivo de maneira explícita.

Esta estratégia também é utilizada por celebridades, que desejam promover seus trabalhos (Nordin, 2018; Brennan, 2019). Dentro deste universo, não é possível assegurar que um *Queerbaiting* está acontecendo de fato. Devido ao seu caráter subtextual, autores e produtores podem afirmar ausência de intencionalidade na química de um par formado por duas mulheres ou dois homens, usando do argumento de que o público interpretou mais do que deveria, porém, nunca apagando a possibilidade de que o par romântico ocorra. Assim, as tensões se instalam, com brigas interpretativas. É por esta razão que uma das marcas do *Queerbaiting* é a disputa de sentido (Nordin, 2018; Brennan, 2019). Acreditamos, desta maneira, que o fato dos dois ships citados serem aqueles que possuem acusações de *Queerbaiting*, a presença da toxicidade pode ser em decorrência destas batalhas argumentativas.

Mas, pensando na palavra “tóxico”, voltemos ao ponto inicial da discussão que é, primeiramente, compreender o que é esta toxicidade, tão recorrente nos discursos contemporâneos, sobretudo nas redes sociais, para que, depois, possamos passar para o estudo de caso e as categorizações necessárias para procurar analisar as comunidades aqui mencionadas. Para fazer tal discussão, dividimos o trabalho em tópicos, começando pelo tensionamento da terminologia

toxicidade, buscando conceituá-la, para utilizá-la da maneira mais apropriada para o presente contexto. Em seguida, partimos para elucidar um pouco do mundo da shippagem de *Swan Queen* e *Supercorp*, casais fanon dos seriados *Once Upon a Time* e *Supergirl*, respectivamente. Por fim, seguimos para a explicação metodológica e para a categorização deste agir tóxico dos dois fandoms, partindo da análise das entrevistas realizadas com as fãs participantes dos nossos grupos focais.

2) TOXICIDADE EM GRUPO DE FÃS – NEM TÃO IGUAIS, AFINAL?

Toxicidade tornou-se uma das palavras da moda, principalmente no ambiente digital. Com o uso excessivo do termo e o fato de que este nome surgiu de maneira recorrente nos diálogos das entrevistadas, resolvemos tensionar, ainda que brevemente, sem pretensões de esgotar o assunto, este conceito que aparece com frequência na atualidade. Assim, é possível notar que:

No discurso contemporâneo, o uso da palavra tóxico tornou-se difundido - mais proeminentemente em expressões como 'liderança tóxica', 'masculinidade tóxica', 'espaços tóxicos', 'relacionamentos tóxicos', 'famílias tóxicas' - levando o Oxford English Dictionary a declarar “tóxico” sua palavra do ano de 2018 (Arouh, p.68-69, 2020)⁵.

Nossa busca é tentar encontrar um caminho para uma conceituação, sendo a mesma útil para a compreensão do que estamos observando: as disputas entre fãs, que entram nestas comunidades como forma de expressar as suas sexualidades e serem aceitas por elas. Para tentar desvendar e conceituar o que é esta tão falada toxicidade, pensando, sobretudo, no contexto de comunidades de fãs, cinco pesquisadores se reuniram on-line⁶. Algumas conclusões e princípios para nomear práticas tóxicas foram mencionadas pelos estudiosos. Todavia, há um alerta que, ainda que os fandoms possuam um teor de negatividade e comportamentos agressivos, estas características não conferem toxicidade para os mesmos. Então, retornamos para a pergunta inicial: o que seria um fandom tóxico?

Algumas pistas como observar discursos de ódio para com questões identitárias e minorias

⁵ Original: In contemporary speech, the use of the word toxic has become pervasive—most prominently in expressions, such as ‘toxic leadership,’ ‘toxic masculinity,’ ‘toxic spaces,’ ‘toxic relationships,’ ‘toxic families’—leading the Oxford English Dictionary to declare “toxic” their 2018 word of the year”, (Arouh, p.68-69, 2020).

⁶ Apesar de serem 5 pesquisadores, aqui, vamos tratá-los como Proctor et al (2018), a fim de facilitar a leitura. Todavia, mencionamos aqui os teóricos que propuseram este debate, que gerou a publicação citada em nosso artigo: William Proctor, Bridget Kies, Bertha Chin, Katherine Larsen, Richard McCulloch, Rukmini Pande, Mel Stanfill.

sociais pode ser um caminho. Todavia, considerar atitudes racistas, homofóbicas, machistas, transfóbicas etc como algo tóxico pode ser equivocado, pois elas estariam ultrapassando o limite do tóxico e indo para o criminoso, na realidade (Proctor et al, 2018). De toda maneira, é importante ressaltar que alguns fandoms são vistos por autores do campo como espaços permeados de exclusão, através de preconceitos e conservadorismo. Assim: a maioria dos fandoms [...] são excludentes para pessoas de cor; muitos excluem as mulheres [...] e alguns são excludentes para pessoas queer (e é claro que pessoas de cor também podem ser queer e/ou mulheres, e mulheres podem ser queer [...]), (Proctor et al, 2018). É por isso que este é um universo que pode ser considerado hostil em certos casos. Ainda que o dado não se aplique a todos os grupos de fãs, pois existem também aqueles que convocam uma esfera de acolhimento e troca positiva, é importante olhar para o lado negativo de fandoms, que tem em seu histórico acadêmico um estudo que começou olhando exclusivamente para o lado bom da cultura de participar destas comunidades, mas que foi, aos poucos, olhando para o outro lado da moeda.

Nos estudos de fãs existem conceitos inseridos dentro do campo que foram divididos em grupos, que vão estabelecer a mentalidade dos autores em relação aos fandoms e aos indivíduos participantes deles. Estas subdivisões de pensamentos foram chamadas de ondas (Einwächter, 2013; Greco, 2019). Na primeira onda, quando os teóricos passaram a considerar fãs como grupos que poderiam ser estudados, havia uma ideia de que estas comunidades eram locais apenas de pertencimento e sensações boas. Esta é a era do “Fandom é lindo” (Jenkins, 1992; Sandvoss et al, 2007). Progressivamente, autores do campo passaram a notar a presença de tensões, de disputas de sentido, animosidades ou qualquer outro traço que não fosse exatamente positivo. Contudo, no contexto amplo de chamar um comportamento individual e/ou coletivo de fãs de tóxico, talvez o mais próximo de uma definição coerente seja:

Então, eu diria que o fruto mais fácil da toxicidade é hostilidade e agressão - ficar na cara das pessoas, assédio anônimo (ou não anônimo), nomear e envergonhar (como listas de bloqueio), etc. Isso é o que as pessoas geralmente pensam, esses tipos de problemas de

'métodos'. Essa é a conversa básica, (Proctor et al, 2018, p.371)⁷.

Partindo da ideia de que a hostilidade e a agressão seriam pontos de partida para determinar uma atitude como tóxica, teremos esta noção como ponto de partida na identificação deste tipo de comportamento que acontece dentro do ambiente digital, entre fãs, como uma categoria da mesma dentro da tecnocultura (Proctor, 2017). Assim, iremos observar, a partir do discurso proferido pelas entrevistadas, quais os comportamentos vindos de suas parceiras de fandom entram neste contexto. Para tal, convocaremos categorias que dividem e organizam as esferas destas práticas realizadas pelas fãs. No entanto, é relevante ressaltar que existe uma especificidade sobre esta análise, que foi o que nos trouxe para a presente investigação, a princípio. De fato, é comum que existam rugas, disputas de sentido e até mesmo a tão falada toxicidade em grupos de fãs.

No entanto, o que mais chama a nossa atenção neste cenário que estamos convocando dentro deste artigo é o fato de estarmos falando sobre fandoms que torcem para o mesmo par romântico. Existe uma tradição de rivalidade nestas comunidades, quando o assunto são desejos distintos para os pareamentos das mesmas personagens. Um exemplo é a rivalidade dentro do público de *The Vampire Diaries* (The CW, 2009-2017), que revelava um comportamento negativo, com brigas e ameaças entre os torcedores de *Delena* (Damon e Elena) e *Stelena* (Stefan e Elena). Contudo, os relatos das participantes dos grupos focais foram pautados na surpresa de além de terem conflitos com opositores dos seus ships, elas também se sentiam rejeitadas, ofendidas ou incomodadas com atitudes de pessoas que torciam para os mesmos casais que elas.

Além disso, algumas integrantes das entrevistas revelaram que eram elas que possuíam comportamentos tóxicos e, por isso, consideram que, atualmente, ficam surpresas com as atitudes que tiveram no passado. Nesta lógica de agir e sentir ações tóxicas, o agravante para elas seria o fato de que a presença neste tipo de grupo parte de um desejo de busca por aceitação de suas sexualidades. A entrada na shippagem por pares românticos sáficos seria, de acordo com estas fãs, também um momento de descoberta e procura por iguais. Assim:

⁷ Original: [...] most fandoms [...] are exclusionary to people of colour; many are exclusionary to women [...] and some are exclusionary to queer people (and of course people of colour can also be queer and/or women, and women can be queer [...]), (Proctor et al, 2018). (Tradução Nossa).

Em particular, a importância da representação LGBTQ em conteúdo direcionado a jovens é baseada nos potenciais benefícios pró-sociais que ela pode ter no desenvolvimento da auto-estima, auto-entendimento, formação de identidade e no processo de 'sair do armário' (Estábles et al, p.314, 2018)⁸.

Desta maneira, um jogo de expectativa e frustração é criado na relação destas fãs, entre elas e como indivíduos, com o enfrentamento de questões subjetivas. Mesmo que as terminologias “toxicidade” e “tóxico” ainda precisem de maiores definições e investigações, consideramos importante procurar compreender, dentro daquilo que estas fãs consideram como tóxico e toxicidade, como suas vivências são afetadas e o que são estas atitudes que tanto as frustram, as inflamam ou as afastam deste universo de fã e da shippagem. Neste sentido, dentro das entrevistas dois fandoms foram os mais citados como tóxicos, sendo eles o grupo de fãs voltados para o ship Swan Queen, Emma e Regina, de *Once Upon a Time*, e *Supercorp*, Lena e Kara, de *Supergirl*.

3) CONTEXTO DAS SÉRIES E DOS FANDOMS

Há algo curioso de se observar neste relato das shippers de dois casais de séries distintas, de emissoras diferentes, mas que possuem contextos semelhantes. Ambas as séries das quais os casais fazem parte – Emma e Regina (*Swan Queen*), de *Once Upon a Time* (ABC, 2011-2018) e Kara e Lena (*Supercorp*), de *Supergirl* (The CW, 2015-2021) – são acusadas de realizarem *Queerbaiting*, através de paralelos com histórias canônicas de seu próprio universo. De um lado, *Swan Queen* supostamente teria cenas que remeteriam as sequências vividas pela Branca de Neve e o Príncipe Encantado, dentro da narrativa, de acordo com as fãs deste ship. Do outro, *Supercorp* também estaria trazendo momentos icônicos do Super-homem com a sua namorada, Lois Lane, para suggestionar aos espectadores que Kara e Lena seguiriam no mesmo caminho.

Além disso, as fãs alegam que a composição visual e de personalidade das personagens que fazem parte dos dois casais, sendo a mocinha loira e suposta vilã morena, de um lado alguém que as pessoas sabem que é boa e não cria desconfianças e, do outro, uma mulher mais sofrida, que cria desconfiança pelo seu passado e sua família. Com estes traços parecidos, muitas torcedoras de *Swan*

⁸ Original: So, I'd say the low-hanging fruit on toxicity is hostility and aggression – getting in people's faces, anonymous (or non-anonymous) harassment, naming and shaming (like block lists), etc. That's what people usually think of, those sorts of 'methods' issues. That's the 101 conversation, (Proctor et al, 2018, p.371). (tradução nossa).

Queen apontaram no Twitter que *Supercorp* seria o “Novo Swan Queen”, em postagens do Twitter, entre 2014 e 2015. Ao final das duas produções, nenhum dos dois pares realmente aconteceram dentro das tramas, mas antes do desfecho de cada uma dessas obras, os seus respectivos fandoms se mobilizaram nas redes sociais para debater sobre a história e o futuro destes ships, que muitas vezes lhes pareciam *Queerbaiting* e muitas vezes despertavam uma fagulha de esperança (Nordin, 2018; 2019; Aalto, 2020).

Para algumas destas fãs, ver estes pares românticos se tornando realidade era mais do que um mero desejo, porém uma necessidade íntima de se verem representadas, sendo que parte destas shippers são mulheres sáficas. Pensando nesta trajetória de tensões, disputas de sentido e frustrações pelo contato constante com o *Queerbaiting* e uma lacuna de se ver representada, reunimos 18 mulheres não heterossexuais, fãs de narrativas seriadas televisivas, divididas em três grupos focais, cada um com seis integrantes. Durante as três entrevistas, notamos em seus diálogos a presença constante das palavras toxicidade e tóxico para descrever as próprias shippers de seus grupos. Por esta razão, procuramos observar suas conversas e categorizar estas falas, a fim de compreender como ocorre o funcionamento desta dinâmica de atitudes negativas, em um espaço que é procurado para um acolhimento entre suas iguais.

Para realizar tal intento, caminhamos por procedimentos metodológicos que explicaremos no tópico posterior.

4) METODOLOGIA

A nossa metodologia se baseou em quatro etapas, para além da revisão bibliográfica, sendo elas: Observação Participante (OP), no Twitter; distribuição de formulários, através do Google docs, Grupos Focais, formados por meio de Bola de Neve e, por fim, análise das entrevistas, por meio de criação de categorias. É relevante ressaltar que nosso ponto de partida se deu na perspectiva de olhar e entender as consequências e reações de fãs de narrativas seriadas em relação ao *Queerbaiting*. A partir do início da pesquisa, o olhar para os comportamentos tóxicos e suas definições passaram a se desenhar, já no momento no qual analisamos as redes sociais Tumblr, Twitter e Facebook, utilizando

a OP, pensando que a mesma se define como:

A Observação Participante é realizada em contacto direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa. Requer a necessidade de eliminar deformações subjetivas para que possa haver a compreensão de factos e de interações entre sujeitos em observação, no seu contexto. É por isso desejável que o investigador possa ter adquirido treino nas suas habilidades e capacidades para utilizar a técnica. (Correia, 1999, p. 31)⁹.

A partir desta OP, partimos para a investigação mais precisa destas mulheres que gostaríamos de analisar. Previamente, antes das entrevistas, o que tínhamos em mente somente era que estas fãs seriam sáficas, shippers de casais femslash, pensando em questões de representação, representatividade e *Queerbaiting* e quais os efeitos destas lacunas e enganos causaria nas relações delas com os produtos e entre elas mesmas. Além disso, era nossa intenção ver como funcionaria a dinâmica destas integrantes de fandoms de seriados acusados de *Queerbaiting*, debatendo em grupos. Por este motivo que optamos por realizar grupos focais, método que permite, através de uma mediação, discussões organizadas e saudáveis sobre temáticas específicas (Fontana; Frey, 2000; Flick, 2010).

Destá maneira, consideramos como grupo focal um tipo de entrevista grupal, na qual um mediador realiza perguntas e administra o cenário das discussões (Fontana; Frey, 2000). Com esta perspectiva posta, também consideramos algumas regras que nos pautaram na execução dos grupos focais, considerando que a mesma é: Uma entrevista de grupo focal é uma entrevista com um pequeno grupo de pessoas sobre um tópico específico. Os grupos normalmente incluem de seis a oito pessoas que participam da entrevista por uma hora e meia a duas horas” (fiske et al, 1956 in flick, 2019, p.249)¹⁰.

Nesta lógica, a nossa coleta aconteceu dentro da plataforma *Zoom*. As primeiras seis entrevistadas foram escolhidas a partir de um grupo de *Whatsapp* voltado para fãs da série *Once Upon*

⁹ Original: In particular, the importance of LGBTQ representation in youth-targeted content is based on the potential pro-social benefits it can have on the development of self-esteem, self-understanding, identity formation, and the ‘coming-out’ process” (Estábles et al, p.314, 2018). (tradução nossa).

¹⁰ Original: “Ein fokussiertes Gruppeninterview ist ein interview mit einer kleinen Grupper von Leute zu einem bestimmten Thema. Gruppen umfassen typischerweise sechs bis acht Leute, die an dem Interview für anderthalb bis Zwei Stunden teilnehmen” (Fiske Et Al, 1956 in Flick, 2019, p.249). (tradução nossa).

a *Time* (ABC, 2011-2018), em uma chamada que convocava integrantes para a entrevista. Depois, o segundo grupo foi formado a partir do método da bola de neve, que consiste, de maneira bem geral, em criar uma rede de pessoas, a partir de referências e indicações de outros indivíduos (Albuquerque, 2009; Biernacki E Waldorf, 1981). Assim, as seis primeiras integrantes do Grupo 01 indicaram colegas de fandom, que se tornaram as seis participantes do Grupo 02 e o mesmo aconteceu na formação do Grupo 03. Das 18 participantes entrevistadas, dez se declararam shippers de Swan Queen e sete de Supercorp. Já quatro integrantes das entrevistas afirmaram que não shippavam nem Swan Queen e nem Supercorp. Após a feitura dos grupos focais, seguimos para a transcrição e análise destas discussões. Para investigar e traduzir este material para conclusões de pesquisa, criamos categorias que compartimentam estes pensamentos, sentimentos e reações destas fãs.

5) CATEGORIZANDO AS AÇÕES TÓXICAS ENTRE FÃS

Para tratar sobre os comportamentos negativos, chamados pelas entrevistadas de toxicidade/ações tóxicas, procuramos criar categorias, a fim de listar, classificar e entender o que são estas práticas que afligem estas mulheres, que entram nestas comunidades para falar de uma produção de que são fãs, mas também por procurarem receptividade em relação às suas sexualidades. A observação principal que notamos nos relatos das integrantes de nossos grupos focais é que existiam dois tipos de ataques on-line: **em grupo** e o **individual**.

5.1) Ataque em grupo: trata-se de um ato organizado por um ou mais líderes, que inflamam um subgrupo para fazer postagens coletivas difamando, brigando ou criticando negativamente outra pessoa do fandom.

Diana Werneck, por exemplo, explica que começou a escrever *fanfics* e conhecer diversas autoras por conta deste fato. Todavia, viu várias amigas desistindo de escrever este tipo de produção textual de fã porque outras shippers de *Swan Queen* praticavam o chamado *bashing* com elas. Por esta razão, Diana considera esta comunidade tóxica, pois, para ela, existem indivíduos que não conseguem suportar as diferenças e, ao invés de debater de forma tranquila, partem para brigas e

criação de desafetos, não apoiando as suas companheiras de ships. A observação de Diana pode se encaixar no que é considerado como tóxico conceitualmente por nós, a partir das definições de Proctor et al (2018).

5.2) Ataque individual: este parece ser mais motivado pelo calor do momento, sem que haja um planejamento prévio.

Sendo assim, este seria uma espécie de embate direto, que ocorreriam em replies do Twitter ou comentários do Instagram, por exemplo. Este tipo de comportamento é apontado por Eva Assunção (25 anos) como algo corriqueiro em sua vivência on-line, em seu período mais ativo dentro do fandom da série *Once Upon a Time*. Eva acredita que a identificação com as personagens Emma e Regina, acompanhado do fato dela descobrir a sua sexualidade e se aceitando inflamava as suas atitudes, fazendo com que ela quisesse se impor dentro daquele espaço, pois tinha receio de aceitar uma opressão que estava querendo rejeitar. Para tal, a mesma brigava não apenas para defender o seu ship, mas também para que os materiais de fãs (fanfics, fanarts, manips etc) tivessem uma representação que ela considerasse positiva. Assim:

Aí pra mim era o máximo aquela disputa e eu ficava no twitter recebendo cada bomba e era pau a tarde toda. Era de lá, de lá pra cá “você tá maluca, você tá vendo o quê, porque tem esse brother que entrou aqui do nada, o pó da fada, amor verdadeiro”. E eu tipo louca, quebrando o pau o dia todo no twitter, não tinha nada pra fazer, só brigava no twitter, (Eva Assunção).

5.3) Atacar e ser atacado: notamos que, dentro deste contexto, existe uma questão central que é a dicotomia entre **atacar** e ser **atacado**.

De um lado, existiram depoimentos nas entrevistas que abordaram o incômodo e a frustração com as tensões provocadas por fãs que torciam pelo mesmo ship, mas que apresentavam comportamentos agressivos, com a criação de disputas de sentido e afirmações de poder. Do outro, alguns relatos mostraram certos motivos que mobilizaram as ações negativas, como xingamentos e exclusão de comentários. A causa principal, de acordo com as participantes, era um cansaço por falta de validação de seus sentimentos e pensamentos. Ao perceber que estavam sendo contraditas por parceiras de torcida por casal, elas se sentiam aborrecidas por não encontrarem apoio e acabavam

perdendo o controle do que diziam ou simplesmente deletavam comentários nas páginas que administravam.

Neste sentido, acreditamos que existem dois motivos centrais para que os ânimos ficassem mais inflamados. Primeiramente, ainda que fandoms sejam espaços que podem convocar conflitos, rupturas e atitudes agressivas (Proctor; Kies, 2018), notamos que o fato de *Swan Queen* e *Supercorp*, ships mencionados por nossas entrevistadas, serem parecidos vistos como *Queerbaiting*, as brigas já estariam presentes dentro dos fandoms de suas respectivas séries. Quando tratamos sobre *Queerbaiting*, entendemos que esta estratégia de marketing – que jamais pode ter a sua intenção confirmada –, tem como uma de suas pistas disputas de sentido. Logo, o clima hostil também se dá por este constante jogo entre o *Gaslighting Queer* versus as *Leituras Queer* (Brennan, 2019).

Desta maneira, interpretamos que esta agressividade, que gera um ambiente tóxico de frustração para estas shippers vem, principalmente, desta tensão que já é estabelecida por este espaço que as rejeita e as deixa em constante estado de alerta. O segundo ponto relevante é que uma das questões centrais na discussão sobre toxicidade trata sobre os privilégios dos indivíduos na sociedade, por exemplo, capitais econômicos, culturais e/ou simbólicos adquiridos podem ser considerados como elementos que tornam alguns membros de fandoms privilegiados ou, obviamente, questões como etnia, gênero e sexualidade, que podem ser vistos como vantagem” para alguns dentro do sistema patriarcal branco heterossexual. Assim como em diversas comunidades, este grupo tem hierarquizações e embates estruturados por questões de capital, independentemente de qual seja ele.

É possível explicar esta afirmação com exemplos como fãs que dominam um ou mais idiomas estrangeiros e traduzem entrevistas e *fanfictions* podem apresentar um comportamento de superioridade por alegarem entender o que está sendo dito, mais do que as outras. Outro exemplo pode ser de quem possui recurso financeiro para viajar para convenção de fãs e, por isso, se julga mais próxima do universo daquele produto midiático mais do que as outras que não foram. Este elemento é algo que não está somente no contexto de fãs de ships femslash, mas em comunidades de fãs no geral. Todavia, este é um dado que deve ser levado em consideração, visto que é uma característica que fomenta ações tóxicas dentro de coletividades. Assim: [...] a definição de

toxicidade sempre vai estar atrelada a ideias de privilégio e poder, (Proctor et al, 2018, p.372)¹¹.

É por este motivo que consideramos que estas relações que envolvem toxicidade – e até mesmo outros comportamentos – são redes complexas, que precisam levar em consideração diversas camadas que vão desde a obra em si – com questões como ausência de representação e representatividade e Queerbaiting como uma estratégia de marketing –, até dentro das próprias dinâmicas do fandom geral e entre shippers do mesmo par romântico.

Ainda assim, nosso esforço se baseia em lançar um olhar para as relações entre mulheres sáficas, fãs de narrativas seriadas televisivas, a fim de entender como um desejo inicial por encontrar pertencimento pode chegar a uma sensação de rejeição ou de impulsionamento de rejeições entre seus pares, já que dentro das pesquisas do campo o recorrente de ser apontado são os comportamentos tóxicos referentes às *ship wars*¹². Neste contexto, ainda procurando listar o que seriam estas agressividades, que formariam um ambiente com toxicidade, listamos outras ações que fomentam a negatividade deste local de interação, a partir da shippagem. Consideramos também como categorização de comportamentos tóxicos, ações de afastamento e rejeição das fãs.

5.4) Afastamento e rejeição das fãs: Observamos que uma das formas de rejeição de um fã se dá por ações de redes sociais, em locais como grupos de whatsapp e Facebook; na realização de exclusão de postagens e/ou comentários dentro do Facebook e Instagram, bloqueio de contas, xingamentos nas redes sociais, ameaças de morte, sendo esta última relatada como algo que elas viram acontecer, mas que não ocorreu diretamente com elas. Neste sentido, a partir destas vivências, algumas consequências existiram neste consumo e interação das shippers de Swan Queen e Supercorp. De um lado, existem as fãs que acreditam que estes embates e espaços complexos existiram, mas que a partir das experiências com as atitudes tóxicas, outras relações se estabeleceram, justamente pela formação de subgrupos, que se uniam por empatia, como explicam Luana F., Beatriz

¹¹ Original: [...] the definition of toxicity is always going to be bound up in ideas of privilege and power, (Proctor et al, 2018, p.372). (Tradução nossa).

¹² Ship wars são as brigas entre fãs por conta de torcidas por pares românticos. Em português, poderia ser traduzido como guerra de ships.

Martins e Diana Werneck.

Para outras, o resultado foi buscar por um espaço no qual a convivência fosse menos nociva para o que elas chamaram de saúde mental delas. Sarah Amorim, Júlia S., L.L. Isadora Vargas, Déborah dos Santos, Thaynara Marques; Giovanna G. e Carolina S.; Andressa Nascimento afirmaram que continuam acompanhando narrativas seriadas e integrando fandoms, mas pensando sempre nesta perspectiva de ficarem atentas tanto para o conteúdo das obras em si, para não sofrerem com Queerbaiting ou representações ruins, como ao comportamento dos fãs, para evitar comunidades agressivas.

No entanto, Sarah Amorim, Júlia S., L.L. Isadora Vargas não foram categóricas quanto a isso. Estas três últimas citadas deixaram nítido que tentariam seguir até onde fosse possível, caso encontrassem fandoms como de Swan Queen ou Supercorp novamente. Por fim, Eva Assunção declarou que não sente mais vontade de se inserir em comunidades de fãs, pois a experiência dentro do fandom de Swan Queen influenciou sua rotina de forma negativa. Para ela, seu comportamento e seus sentimentos foram afetados por esta experiência, que ela considera tóxica tanto pelo fato de ter se deixado inflamar e criar brigas no espaço digital, quanto por ter passado por agressões verbais, em múltiplas redes sociais. Assim, Eva afirma que:

E sofria ataques, porque na época tinha aquele ask, que eram perguntas anônimas, eu recebia tanto ataque, (risos) tanto desaforo e eu pensava “gente, eu sou a pior pessoa do mundo, porque estou defendendo uma coisa que eu acredito, como assim? Não é possível” (risos) E foi isso, mas agora eu to melhor. Swan Queen me traumatizou, eu juro!

A partir dos comentários relatados por nossas entrevistadas e pela observação participante da dinâmica destas fãs, podemos perceber que existe uma dualidade presente nestes fandoms. De um lado, a expectativa por encontrar receptividade, pelo fato destas mulheres buscaram integrar grupos de shippers femslash. Do outro, uma competição e disputas interpretativas, que causam rupturas nestas relações. Um dos fatores que acreditamos ser decisivo para tal fenômeno é a presença da estratégia do Queerbaiting, pois a briga interpretativa é um dos seus lastros, tendo sempre como consequência desavenças entre fãs. Com o gancho desta lógica de tensões, olhamos para o

comportamento destas mulheres e procuramos entender se o conceito de toxicidade fazia sentido de alguma maneira neste universo. A palavra tóxico, e suas variantes, está presente no ambiente digital de maneira repetida e até mesmo banal. Por isso, procuramos investigar se, de fato, foram realizadas práticas com toxicidade neste meio.

6) CONCLUSÃO

A partir deste trabalho notamos que as dinâmicas entre fãs continuam repletas de complexidades e camadas, que precisam ser avaliadas, observadas e analisadas. Em situações diversas, com diferentes tipos de participantes em observação. Além disso, cada obra contém suas especificidades, por isso, distintos comportamentos emergem e ganham ramificações em múltiplos contextos. Desta maneira, o fandom de Once Upon a Time traz brigas em camadas, por exemplo. Existem as disputas de sentido gerais, porém também entre as próprias shippers de Swan Queen. É neste sentido, que continuamos acreditando na necessidade da exploração das diversidades das comunidades de fãs.

Apostar na utilização dos princípios básicos dos estudos de Recepção é um caminho para entender como as investigações de fãs podem caminhar por trajetórias constantemente bifurcadas, que produzem conteúdos acerca de consumos de produtos midiáticos, de relações da sociedade, de conflitos políticos e sociais e o que mais surgir dentro de uma pesquisa.

No estudo feito para o presente artigo, confirmamos a nossa hipótese de que fandom é espaço de hierarquia e jogos de poder e quanto mais divergências opinativas sobre o objeto de consumo, mais dissidências e disputas de sentido serão ocasionadas, sobretudo quando estamos tratando de um grupo minoritário, que ainda demanda por representatividade positiva. Neste cenário, acreditamos que ainda há muito a ser investigado, tanto em termos de efeitos causados pela estratégia de marketing, o Queerbaiting, e a ausência de representatividade e representações coerentes, quanto o olhar para entender o que é, de fato, a toxicidade e as ações tóxicas em fandoms.

É necessário avançar no entendimento acerca dos limites entre disputas de sentido e discursos inflamados, buscando entender como se dá a passagem para atitudes agressivas, com danos para

grupos de fãs. Ao mesmo tempo, é salutar questionar conceitos genéricos, que são instalados nas redes sociais, sob o risco de conduzir a academia para pensamentos rasos, de conteúdo que ainda não foram suficientemente aprofundados para serem nomeados de forma tão enviesada. Vale sim, procurar entender de onde e como surgem e se desenvolvem os fenômenos em espaços digitais, mas as pesquisas devem sempre procurar dosar o uso de terminologias da moda e executar uma apuração qualificada.

Os métodos de análise para comunidades de fãs também precisam ser mais discutidos e executados. Existem muitas metodologias que se repetem em estudos genéricos do campo, que pouco tratam sobre individualidades, mesmo em pesquisas qualitativas, quanto em aspectos mais gerais, ainda que em estudos quantitativos. Neste sentido, vê-se também a relevância do uso das interseccionalidades como fios condutores de pistas para o entendimento dessas subdivisões em fandoms. Conceitos, nomeações, distinções, capitais e aplicações todas estas palavras merecem a atenção em uma pesquisa. Por isso, o que trazemos aqui é um princípio de compreensão de como as disputas entre fãs podem ser mais complexas, bem como a ausência de representação e o Queerbaiting afetam estes grupos que se veem tensos e em estado de alerta, neste processo de fruição de produtos midiáticos que gostam e se engajam com tanto afinco.

REFERÊNCIAS

AALTO, Emmi. “SHE’S STRAIGHT, YOU DELUSIONAL CUNT!” A Study on Bullying and Homophobia in Online Fandoms. **Monografia**, University of Jyväskylä, Finlândia, 2016.

AALTO, Emmi. “Emma and Regina made me realize I was gay”: A study on LGBT identity formation in femslash fan communities. **Dissertação**, University of Jyväskylä, Finlândia, 2020, 159p.

ALBERTIM, Renata; MARTINS, Marcelo. Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relações tóxicas. In: **41o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Joinville - SC: [s.n.], 2018, p1–13.

ALBUQUERQUE, Elisabeth Maciel de. Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven

Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas. 2009. 99f. **Dissertação** (Mestrado em Saúde) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/2411>. Acesso em: 17 de fev. 2023.

AMARAL, Adriana da Rosa. Tão longe, tão perto: uma análise da imagem do U2 e dos laços de socialidade dos seus fãs gaúchos via internet. 2002; 202 f; **Dissertação** (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação.

AROUH, Melenia. Toxic Fans: Distinctions and Ambivalence. **Ex-centric Narratives: Journal of Anglophone Literature, Culture and Media**, v. 4, p. 67–82, 2020.

BACON, Camille Smith. **Enterprising Women: Television Fandom and the Creation of Popular Myth**. University of Pennsylvania Press, 1992.

BIENARCKI, Patrick; WALDORF, Dan. Snowball Sampling: problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**, Cambridge-Massachusetts, v. 10. n. 2, nov, 1981. p.141-163. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/004912418101000205>. Acesso em: 17 de fev. 2023

BRENNAN, Joseph. **Queerbaiting and Fandom: teasing fans through homoerotic possibilities** (Org.). Iowa City: University of Iowa Press, 2019.

BUSSE, Kristina; HELLEKSON, Karen. **Fan fiction and fan communities in the age of the Internet: new essays**. McFarland, 2006.

CURI, Pedro Peixoto. À margem da convergência: hábitos de consumo de fãs brasileiros de séries de TV estadunidenses. 2015, **Tese**. (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal Fluminense.

EINWÄCHTER, Sophie G. Transformationen von Fankultur: Organisatorische und Ökonomische Konsequenzen globaler Vernetzung. 2013. **Tese** (Doutorado em filosofia) – Departamento de Filologias Modernas, Universidade Johann Wolfgang Goethe em Frankfurt am Main, 2013, 283 p.

EINWÄCHTER, Sophie G., LENG, Vera Cuntz. Von Enden und Anfängen: Serienfragmente in Fankultur und Wissenschaft. IN: **Serienfragmente**. Ed. Springer Fachmedien Wiesbaden GmbH, Marburg: 2021.

ESTABLÉS, María-José; PICO, Mar Guerrero-; VENTURA, Rafael. Killing off Lexa: ‘Dead Lesbian Syndrome’ and intra-fandom management of toxic fan practices in an online queer community. **Participations**: Journal of audience and reception studies, v. 15, n. 1, p. 311–333, 2018.

FISKE, John. (1992) The cultual economy of fandom. In: LEWIS, Lisa A. (org.). **The adoring audience**: fan culture and popular media, p. 30-49. Londres: Routledge, 1992.

FLICK, Uwe. **Qualitative Sozialforschung** – Eine Einführung. Hamburg: Rowohlt's Enzyklopädie, 2010. 3a edição.

FONTANA, A., FREY, J. H. (2000). **The interview**: From structured questions to negotiated text. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (2nd ed., pp. 645-672). Thousand Oaks, CA: Sage.

GONZALEZ, Victoria M. 2016. "Swan Queen, Shipping, and Boundary Regulation in Fandom." **Transformative Works and Cultures**, no. 22, 2016. <http://dx.doi.org/10.13983/twc.2016.0669>

GRECO, Clarice. **Virou cult! Telenovela, nostalgia e fãs**. 1. ed. Alumínio, SP: Jogo de Palavras: Votorantim: Provocare Ed., 2019. v. 1. 286p.

JENKINS, Henry. **Textual Poachers**: television fans & participatory culture. New York: Routledge, 1992.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Spreadable Media**: Creating Value and Meaning in a Networked Culture. São Paulo: Aleph, 2014.

LATOUR, B. Uma Sociologia Sem Objeto? **Revista Valise**, v. 5, n. 10, p. 165–187, 2015.

LEMOS, André. Cibercultura e Mobilidade. A Era da Conexão. **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro, 2005.

MCLNROY, Lauren B.; CRAIG, Shelley L. Online fandom, identity milestones, and self-identification of sexual/gender minority youth. **Journal of lgbt youth**, v.15, 2018. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19361653.2018.1459220?scroll=top&needAccess=true&role=tab>>. Acesso em: 15fev.2023.

NEEDHAM, Gary; DAVIS, Glyn. **Queer TV**. Nova Iorque: Routledge, 2009.

NORDIN, Emma. From Queer Reading to Queerbaiting: the battle over the polysemic text and the power of hermeneutics. 2015. 80 f. **Dissertação** (Mestrado em Cinema Studies) - Dep. of Media Studies, Stockholms Universitet, Stockholm, 2015. Disponível em:

<<http://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:su:diva-118819>>.

Acesso em: 22 set. 2018.

PONTES, E. L; SANTOS, C. M. O comportamento dos Fandoms a partir do ato de Shippar - Um Estudo de Caso em Once Upon a Time. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2016, São Paulo. Anais [...] Salvador, BA. Universidade Federal da Bahia: UFBA, 2016. p. 1-15. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0916-1.pdf>>

Acesso em 13 de fevereiro de 2023.

PONTES, Enoe Lopes Pontes. Os shippers de Once Upon A Time: disputas interpretativas e comunidades de recepção. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2018.

PROCTOR, William. “Bitches ain’t gonna hunt no ghosts”: totemic nostalgia, toxic fandom and the Ghostbusters platonic. **Palavra Clave**, v. 20, n. 4, p. 1105–1141, 2017.

PROCTOR, William; KIES, Bridget. Editors’ Introduction: On toxic fan practices and the new culture wars. **Participations: Journal of audience and reception studies**, v. 15, n. 1, p. 127–142, 2018.

PROCTOR, William et al. On toxic fan practices: A round-table. **Participations: Journal of audience and reception studies**, v.15, n.1, p.370–393, 2018.

REZENDE, Nathalia. NICOLAU, Marcos. Fã e Fandom: Estudo de Caso Sobre as Estratégias Mercadológicas da série Game of Thrones. São Paulo: **Anais VIII Simpósio Nacional da ABCiber**. ESPM-SP, 2014.

STANFILL, Mel. The Unbearable Whiteness of Fandom and Fan Studies. In BOOTH, Paul (ed.). **A Companion to Media Fandom and Fan Studies**. John Wiley & Sons, Inc. 2018.

STRAUCH, Sandra. Once Upon a Time in queer fandom. **Transformative Works and Cultures**, v. 24, 2017. Disponível em:
<<https://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/929/805>>. Acesso em: 30 nov. 2022.

WALTON, Sarah Schaefer. The leaky canon: Constructing and policing heteronormativity in the Harry Potter fandom. **Participations: Journal of audience and reception studies**, v.15, n.1, 2018. Disponível em: <<https://www.participations.org/15-01-13-walton.pdf>>. Acesso em: 9mar.2023.

ZHAO, Jing. Queerly imagining Super Girl in an alternate world: The fannish worlding in FSCN femslash romance. **Transformative Works and Cultures**, v. 24, 2017. Disponível em:
<<https://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/870/820>>. Acesso em: 27 nov. 2022.

Informações sobre o Artigo

Resultado de pesquisa de doutorado: Queerbaiting, Leituras Queer e ausência de representatividade sáfica: Recepções, interpretações e apropriações de fãs.

Fontes de financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Apresentação anterior: não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não se aplica.

Enoe Lopes Pontes

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA)

E-mail: enoelopespontes@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9501-3474>

Edson D'Almonte

Professor do Depto de Comunicação Social da UFBA e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Integrante do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Disputas e Soberanias Informacionais (INCT/DSI).

E-mail: edsondalmonte@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0895-2132>